



ONDE ESTÃO OS NEGROS NA ARGENTINA?

Denise Luciana de Fátima Braz¹

Resumo: A decisão de fazer um mestrado em Buenos Aires, Argentina, nasceu depois de uma viagem de férias a esta cidade no início de 2012. Nessa viagem me surpreendi com a nítida ausência de pessoas fenotipicamente negras nas ruas. Onde estão os afro-argentinos? O que aconteceu na história dessa população em Buenos Aires? Essas perguntas me acompanharam durante toda a viagem. Diante de tanta curiosidade, no ano seguinte me inscrevi no mestrado da Universidade de Buenos Aires - UBA para começar a pesquisar. Não foi fácil desenvolver uma tese sobre o tema “afrodescendente” porque a quantidade de trabalhos acadêmicos ainda é limitada e a maioria deles foi feita por investigadores brancos. Por isso, decidi pesquisar a história negra a partir dos relatos dentro da própria comunidade negra, considerando também minha própria experiência num duplo papel de pesquisadora e militante.

Palavra-chave: história; invisibilidade; movimento social afro.

WHERE ARE THE BLACKS IN ARGENTINA?

Abstract: The decision to do a master's degree in Buenos Aires, Argentina, was born from a vacation I took to the city in early 2012. On this trip I was struck by the clear absence of phenotypically black people in the streets. Where are the Afro-Argentines? What is the history of that population in Buenos Aires? These questions haunted me the entire trip. Due to this persistent curiosity, the following year I enrolled in a masters program at the University of Buenos Aires- UBA to begin to investigate this question. It was not easy to develop a thesis on the subject of "Afrodescendants" in Argentina. The amount of academic work is still scarce, and most of it has been done by white researchers. For this reason, I decided to investigate black history from the stories and perspectives of the black people themselves, while also considering my own experience in a double role of researcher and activist.

Keywords: history; invisibility; black social movements.

OU SONT LES NOIRS EN ARGENTINE

Résumé: La décision de faire une maîtrise à Buenos Aires, en Argentine, est née après un voyage de vacances dans cette ville début de 2012. Lors de ce voyage, j'ai été surpris par l'absence claire de personnes phénotypiquement noires dans les rues. Où sont les Afro-Argentins? Que s'est-il passé dans l'histoire de cette population à Buenos Aires? Ces questions m'ont accompagné tout au long du voyage. Devant tant de curiosité, l'année suivante je me suis inscrite à la maîtrise à l'Université de Buenos Aires - UBA pour commencer mes recherches. Il n'a pas été facile de développer une thèse sur le sujet "afrodescendant" parce que la quantité de travaux académiques est encore rare et la plupart ont été faits par des chercheurs blancs. Par conséquent, j'ai décidé d'enquêter sur l'histoire des Noirs à partir des histoires des Noirs eux-mêmes, en considérant aussi ma propre expérience dans son double rôle de chercheur et de militante.

Mots-clés: histoire, invisibilité; mouvements sociaux noirs.

¹Brasileira de Minas Gerais, aluna do Mestrado em Antropologia Social e Política- Faculdade de Filosofia e Letras – Universidade de Buenos Aires. Tese finalizada. *E-mail:* denisezarb@gmail.com



DÓNDE ESTÁN LOS NEGROS DE LA ARGENTINA?

Resumen: La decisión de hacer una maestría en Buenos Aires, Argentina, nació luego de un viaje de vacaciones a esta ciudad en principios del 2012. En ese viaje me sorprendió la nítida ausencia de personas fenotípicamente negras en las calles. ¿Dónde están los afroargentinos? ¿Qué sucedió en la historia de esa población en Buenos Aires? Estas preguntas me acompañaron durante todo el viaje. Ante tanta curiosidad al año siguiente me inscribí en la maestría de la Universidad de Buenos Aires - UBA para comenzar a investigar. No fue fácil desarrollar una tesis sobre el tema "afrodescendiente" porque la cantidad de trabajos académicos todavía es escasa y la mayoría fueron hechos por investigadores blancos. Por eso, decidí investigar la historia negra a partir de los relatos de los propios negros, considerando también mi propia experiencia en un doble papel de investigadora y militante.

Palabras clave: historia; invisibilidad; movimiento social afro.

A decisão de fazer um mestrado em Buenos Aires, Argentina, nasceu depois de uma viagem de férias a esta cidade no início de 2012. Nessa viagem me surpreendi com a nítida ausência de pessoas fenotípicamente negras nas ruas. Em raras oportunidades, me encontrei com um ou outro vendedor ambulante senegalês. A imigração senegalesa aumentou bastante no país logo após os anos 2000, porém, no verão, a maioria deles, “deles” porque a maioria são homens, vai para os litorais argentino e brasileiro trabalhar: por isso, durante a minha viagem não vimos muitos, ainda que já fossem um número considerável no país, especialmente na capital.

Onde estão os afro-argentinos? O que aconteceu na história dessa população em Buenos Aires? Essas perguntas me acompanharam durante toda a viagem e sempre que podia perguntava a algum argentino. As respostas surgiam na ponta da língua, pareciam ensaiadas desde a época escolar: “Morreram todos nas guerras”, “Não sobreviveram à epidemia de febre amarela” e “No país teve muita mestiçagem, com o tempo os negros foram desaparecendo”.

Minha curiosidade sobre a “real” história dos afro-argentinos aumentou ainda mais quando decidimos passar uns dias da nossa aventura no Uruguai e vimos que, assim como no Brasil, a presença da cultura negra e de pessoas fenotípicamente negras é grande. O Carnaval uruguaio é muito conhecido por causa das suas comparsas². Mas

²Numa comparsa um grupo de percussionistas toca candombe, um ritmo que tem como base três tambores chamados de “chico, repique e piano”, em espanhol. Além dos ritmistas alguns personagens trazem símbolos da religião afro, tais como “a mamãe velha e o papai velho”, que podem ser interpretados como a uma mãe e um pai de santo. Outro personagem é o “mago”, que representa algo como um curandeiro e tem a responsabilidade de “abrir o caminho”, afastar as más energias para a comparsa passar. E estão também presentes as “vedetes”, bailarinas como as nossas assistidas de carnaval.



cabe destacar que, na Argentina, o candombe e as comparsas também estão presentes. Inclusive, duas vezes por ano acontecem grandes eventos nas ruas de San Telmo, algo muito similar ao carnaval do Uruguai. Além disso, o Bairro de San Telmo é conhecido como “o bairro do tambor” justamente porque no período da escravidão e pós-escravidão havia muitos negros que moravam e trabalhavam ali. A UNESCO em 2009 declarou o candombe e o tango como Patrimônio Imaterial, um Patrimônio rio-platense nascido nas margens não só do rio, mas de uma sociedade. O tango e o candombe são um claro legado da cultura negra em ambos os países. Infelizmente, poucos argentinos conhecem a herança negra do tango. Já sobre o candombe, há quem diga que é uma cultura do Uruguai e que esta chegou à Argentina através da migração dos afro-uruguaios ao país.

É interessante pensar que o Rio La Plata separa e une ao mesmo tempo estes dois países e muitas histórias. Saindo de barco de Buenos Aires à cidade uruguaia mais próxima, Colônia del Sacramento, não passa de uma hora o trajeto total de viagem. A esta altura outra pergunta me instigava: o que aconteceu de um lado do rio que não aconteceu do outro?

Figura 1. Festival Lindo Quilombo de 2015 no Bairro San Telmo em Buenos Aires



Fonte: Foto de Denise Braz

Figura 2. Festival Lindo Quilombo de 2015 no Bairro San Telmo em Buenos Aires



Fonte: Foto de Denise Braz

Figura 3. Festival Lindo Quilombo de 2015 no Bairro San Telmo em Buenos Aires



Fonte: Foto de Denise Braz

Durante minha estada no Uruguai eu era apenas mais uma mulher negra e não me senti “um peixe fora d’água” como em Buenos Aires. Claro que o fato de não ter acontecido nada comigom não quer dizer que não haja práticas racistas frequentes. Sabemos que o racismo é algo estrutural e está presente no mundo todo, porém, é bem



verdade que me senti menos “invasa” e que transitar entre outras pessoas negras me deu uma sensação de hospitalidade.

Na Argentina as pessoas fenotipicamente negras chamam muita atenção. O corpo negro é um corpo visto como exótico, não apenas no sentido literal da palavra, de ser estrangeiro, mas por parecer um corpo “estranho”, fisicamente diferente e por isso é um corpo que realmente se destaca numa multidão de “não negros”, o que chama a atenção a tal ponto que passa a incomodar. E creio que por esse motivo a hiperssexualização deste corpo é mais constante. Diante de um “outro” etnicamente diferente, os portenhos, seja homem ou mulher, passam do limite, de todos os limites! A invasão sobre quem somos e sobre nossos corpos chega a ser algo em muitos aspectos violento.

Muitas vezes é um olhar causado pela curiosidade, o que ainda assim incomoda porque é aquele olhar fixo, sabe como é? Em outras ocasiões, não satisfeitos em nos “comerem com os olhos”, resolvem tirar fotos, fazer filmagens, tocar nossa pele, nosso cabelo - e tudo, óbvio, sem permissão. O insulto mais “comumente ouvido” é “negra de merda” ou “negrinha”, além dos intermináveis gritos de “morocho”, que significa “morena” em português, para todos os lados que vamos. Às vezes me empurraram nos olham com nojo e ódio sem o menor esforço para disfarçar. Em casos mais graves, (se é que algum não seja), nos cospem como já aconteceu comigo duas vezes.

Também somos conduzidos por uma espécie de inquérito se resolvemos ser simpáticos. Algumas perguntas são bem invasivas, nada inocentes, nos tiram do sério. Separei as duas mais comuns. A primeira: “De onde você é?”. Esta pergunta não nasce da curiosidade simplesmente, ela nasce do mito equivocado de que não existem negros argentinos: portanto, aqueles que aqui estão são todos estrangeiros. Todos os afro-argentinos que conheci cresceram escutando esta pergunta por que todos são vistos e tratados como estrangeiros em seu próprio país. Esta é a maneira mais evidente da naturalização da ideia equivocada de que na Argentina não há negros. Já a segunda pergunta é: “Quanto você cobra?”. Nesta pergunta está a condição estigmatizada, deturpada, preconceituosa sobre nossos corpos. É muito difícil passar uma noite numa boate qualquer em Buenos Aires sem ouvir esta pergunta.

Não posso negar que minha primeira experiência na cidade de Buenos Aires foi intensa, desafiante, instigante e justamente por isso voltei para casa com vontade de



desvendar esta história. No ano seguinte me inscrevi no mestrado da Universidade de Buenos Aires (UBA), para começar a pesquisar. Desde o primeiro dia de faculdade até o último nada foi fácil. Eu era a única pessoa negra de um prédio de 5 andares. Tudo novo, país, idioma, cultura, até as formas de sofrer o racismo eram novas.

Não foi fácil desenvolver uma tese sobre o tema “afrodescendente” no país porque a quantidade de trabalhos acadêmicos ainda é limitada e a maioria desses trabalhos foram feitos por investigadores brancos. De maneira alguma quero desvalorizar ou diminuir o esforço e o trabalho de cada um desses pesquisadores. Reconheço que durante meu trajeto acadêmico, tudo que li foi importante, e aprendi muito. Porém faltava o lugar de fala do negro, a voz negra na academia argentina. Por isso, decidi pesquisar os movimentos sociais afro-argentinos e afrodescendentes: quis observar de perto e compreender melhor este enorme "quebra-cabeça" que é a história dos negros na Argentina, sob uma perspectiva negra.

ARGENTINA TAMBÉM É AFRO: UM BREVE RESUMO HISTÓRICO

Figura 4 e 5. Divulgações das festividades em comemoração ao Dia Nacional do Afro-argentino e do afrodescendente





Para entender o discurso cotidiano, especialmente em Buenos Aires, a partir da ideia de que “na Argentina não tem negros”, é necessário lhes apresentar uma breve análise da história dos escravizados e de seus descendentes neste país. A invisibilização e a negação dos afrodescendentes na Argentina foi produzida não somente na história oficial do país como também nas histórias familiares, na história cultural, e, por isso, é muito comum a ideia da “desaparição” do negro na Argentina. Infelizmente boa parte da população, por desconhecer a própria história, continua reproduzindo este discurso.

A imigração forçosa africana ao país foi invisibilizada principalmente depois da chegada do imigrante europeu no fim do século XIX e princípio do XX, justamente quando o discurso político da época era construir e fortalecer uma identidade nacional branca, europeia, moderna e, também católica, heterossexual. Então, foi sendo construída uma versão de “história nacional” na qual a contribuição dos afrodescendentes, indígenas e “não brancos” era negada e invisibilizada - ao contrário de outros países latino-americanos que usaram a mestiçagem como uma escusa para unificar a ideologia de uma identidade coletiva. Na Argentina foi disseminada entre a população a ideia de um estado liberal composto por uma “identidade branca”. Desta forma todas as demais identidades foram ignoradas, provocando o esquecimento a



respeito da participação desses grupos étnicos na consciência histórica dos argentinos. Por isso, a narrativa que se ouve constantemente hoje em dia é que a sociedade argentina foi construída por brancos europeus e descendentes de europeus. Como se esta nação tivesse nascido logo após a Segunda Guerra Mundial a partir da chegada dos imigrantes europeus. Todos têm uma história para contar sobre os bisavós e os avós que chegaram de navios.

É muito comum escutar a população argentina falando dos afro-argentinos no passado, como se realmente todos tivessem desaparecido. E, já que na mentalidade dos argentinos atuais está o mito do “desaparecimento”, não há por que pensar nas contribuições do povo negro no desenvolvimento do país na modernidade e na atualidade, menos ainda no seu legado cultural e político.

Durante auge da dominação espanhola, por volta de 1588, a população negra da Argentina teve um papel importante na história do desenvolvimento do país e é claro a força braçal deste desenvolvimento era o trabalho escravo. A quantidade de escravizados era tão grande que em muitos estados eles eram mais da metade da população. É interessante pensar que o processo de “desaparição” dos afro-argentinos foi algo repentino e estranho. O mito do desaparecimento começou a ganhar força por volta do ano de 1853, logo depois da abolição da escravatura. Ou seja, antes disso foram quase 300 anos de uma presença negra ativa e em grande quantidade na cidade.

Para entender a diminuição desse grupo, alguns pesquisadores apresentam as hipóteses mais conhecidas atualmente: a epidemia de febre amarela, as guerras e a mestiçagem. Pode até ser que esses fatores tenham causado um descenso da população afro, mas não o seu “desaparecimento”, como muitos pensam e insistem até hoje. O Censo, inclusive, foi o principal motivo para que se fixasse esse mito na mentalidade das pessoas.

Durante minha pesquisa para o mestrado pude analisar os últimos censos nacionais realizados e observar as mudanças significativas desses números. No censo de 1778, havia entre africanos e afrodescendentes 30% do total da população. Nos censos de 1810 e de 1837, a porcentagem manteve-se equilibrada. Porém, no censo de 1887, já estava avançado o processo da “desaparição” e, por este motivo, a porcentagem de afro-argentinos caiu de uma média de 30% para 1,8%. Em apenas 50 anos houve uma queda de mais de 26%. Para justificar tal porcentagem, alguns historiadores recorrem não só às



causas citadas no início deste parágrafo, mas principalmente a mudança das categorias étnico-raciais do censo de 1887, que passou a ter duas únicas categorias: branca e negra. Os censos nos anteriores tinham mais opções étnico-raciais como: índio, pardo, mestiço, moreno, negro e branco. Por isso, o censo de 1887 sugere uma explicação melhor para um resultado tão estranho como os 1,8%. Esse censo foi o último realizado no século XIX e acredito que esse resultado tenha fortalecido o mito da “desaparição negra”. A pergunta acerca da autoidentificação étnico-racial só retornou ao censo em 1994, no qual foram incluídos os indígenas e, em 2010, quando incluíram-se os afrodescendentes. Antes do censo de 1994 não havia a pergunta étnico-racial, porque para o Estado estava subentendido que a população argentina era formada por brancos.

Antes da conquista do censo em 2010, houve em 2003 e 2004 uma preparação para esse censo. Alguns representantes de grupos afro-argentinos e afrodescendentes junto ao Instituto Nacional de Estatística e Censos – INDEC realizaram um estudo com o propósito de captar e detectar informações de pessoas que se autorreconhecessem afrodescendentes, além de reescrever o relato da história a partir de uma perspectiva negra, levando em consideração o lema pós - ditadura militar argentino: “memória, verdade e justiça”. Essa futura construção de uma classificação étnica para a comunidade negra seria utilizada no censo nacional de 2010. Esse estudo foi realizado em 2005 em algumas cidades da Argentina e se chamou “Prova Piloto de Afrodescendentes”. De acordo com esse estudo, estima-se que o número de afrodescendentes ascende entre 4 e 6% da população total do país, o que representa um total aproximado de dois milhões de pessoas.

É importante destacar que a pergunta sobre os afrodescendentes só saiu em 10% das pesquisas no censo de 2010 e, de acordo com ele, existem 149 mil afrodescendentes na Argentina. Ou seja, foram quase duzentos anos de espera para que a comunidade afro pudesse ser novamente contabilizada e incluída nas estatísticas populacionais do país. Os números apresentados no censo de 2010 são muito importantes, porque abriram as portas para a conquista de algumas políticas públicas. Porém os movimentos sociais acreditam que o número está longe de mostrar a real porcentagem da população afrodescendente no país.

O Censo é um recurso que constrói a realidade social, é um espaço de disputa onde as classificações nele obtidas são uma maneira de reconhecimento das minorias

excluídas. Um Censo não é um instrumento passivo ou apenas descritivo porque, por meio das categorias de análise, neste instrumento é possível diagnosticar o rosto étnico-racial de uma nação.

CONCLUSÃO

Os argentinos gostam de dizer que seus antepassados vieram nos navios, referindo-se aos navios da colonização espanhola e aos navios que chegaram da Europa depois da Segunda Guerra Mundial com os imigrantes europeus. No entanto, é preciso considerar outros navios, navios negreiros que também trouxeram uma grande quantidade de pessoas e de maneira ilegal. Atualmente, da perspectiva das ciências sociais, consideramos que o século XXI está sendo marcado por uma nova onda migratória, causada por motivos pessoais ou por problemáticas sociais como é o caso dos refugiados de guerra por exemplo. Mas o fato é que diariamente um grande número de pessoas aposta em dias melhores em outros países e, na Argentina, elas vêm de países africanos, asiáticos, mas, especialmente de países da América Latina. Isso finalmente está trazendo diversidade à cidade e com ela algumas tensões, afinal Buenos Aires está perdendo sua hegemonia branca.

Nas últimas décadas, e graças em grande parte ao trabalho militante de organizações afro-argentinas, de migrantes afrodescendentes e de africanos residentes na Argentina, as raízes negras da nação começaram a ser reconhecidas, mas não como relíquias do passado, e sim como uma presença viva e palpável desta cultura. Uma conquista deste trabalho pode ser vista na inclusão - embora não de maneira plena - da variável afro no censo de 2010, ou na promulgação da Lei Nacional 26.852, de 2013 que institui o dia 8 de novembro como o "Dia Nacional de los/las afroargentinos/as y de la Cultura Afrodescendente". Conhecida como Lei Maria Remedios del Valle, ela busca também recuperar a imagem e o legado dessa grande heroína negra, considerada mãe da pátria argentina por sua brilhante atuação nas guerras em favor do país, e infelizmente desconhecida pelos argentinos, esquecida nos relatos da história nacional.

No marco da proclamação do Decênio Internacional dos Afrodescendentes organizado pela ONU, de 2014 a 2024, os movimentos afros e africanos procuram trabalhar em conjunto a fim de conquistar mais acesso no espaço político, além de mais força e mais políticas públicas. Para isso, em 2015 foi formada a Comissão



Organizadora do Dia 8 de Novembro, um grupo que conta com a participação de mais de 30 movimentos afrodescendentes e africanos de várias regiões do país. Este grupo é uma nova aposta no trabalho coletivo. É um desafio, porque é preciso driblar as diferenças e as tensões internas em prol de um bem que seja comum à maioria da comunidade afro. Pensando nos benefícios de participação do Decênio, o grupo vem se preparando para o Censo de 2020 e se organizando melhor para reivindicar políticas públicas como: bolsas para estudantes negros, cotas étnico-raciais nos espaços públicos e a construção do Instituto Nacional do Afrodescendente.

A história do afro-argentino e dos afrodescendentes residentes neste país é uma história de luta por visibilidade, oportunidades, representatividade nos espaços. São histórias de resistências, de perdas, mas, também de conquistas. Por isso, após quatro anos morando nesta cidade e compartilhando experiências com a comunidade afro, afirmo com todas as letras que na Argentina tem negros. A Argentina também é afro!

REFERÊNCIAS

ALVAREZ NAZARENO, Carlos (2012) “El movimiento afro en la Argentina en el año del Bicentenario”. En: Pineau, Marisa (Ed.) *Huellas y legados de la esclavitud en las Américas: Proyecto Unesco La Ruta del Esclavo*. EDUNTREF: Buenos Aires.

ANDREWS, George Reid, (1989). *Los afroargentinos de Buenos Aires*. Ediciones de la Flor: Buenos Aires.

ANNECCHIARICO, Milena (2014) “Afrodescendientes en la Argentina: enigmas, cegueras y mitos nacionales.” En: *Ciencia Hoy*, Volumen 24, N° 141, octubre-noviembre. Disponible en: <http://cienciahoy.org.ar/2014/10/afrodescendientes-en-la-argentina-enigmas-cegueras-y-mitos-nacionales/>

----- (2013). *Los argentinos también descendemos de esos barcos*. Video. Buenos Aires. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=4POrdVHfUfc>

AVENA, S. et al. (2006). “Mezcla génica en una muestra poblacional de la ciudad de Buenos Aires”. En: *Revista Medicina*. Volumen 66 N° 2, Buenos Aires mar./abr

FRIGERIO, Alejandro (2006) “Negros y Blancos en Buenos Aires. Repensando nuestras categorías raciales. En: Maronese, L. (comp.) *Buenos Aires Negra. Identidad y cultura*. Comisión para la Preservación del Patrimonio Histórico- Cultura de la ciudad de Buenos Aires. Pp.77-98.

GELER, Lea (2010). *Andares negros, caminos blancos. Afroporteños, Estado y Nación. Argentina a fines del siglo XIX*. Prohistoria Ediciones: Rosario.



GOMES, Miriam (2009) “Las comunidades negras en la Argentina estrategias de inserción y mecanismos de invisibilización” En: MAFFIA, M. y LECHINI, G. Comp.: *Afroargentinos hoy: Invisibilización, identidad y Movilización social*. IRI-UNLP.

LÓPEZ, Laura (2005) “¿Hay alguna persona en este hogar que sea a r descendiente?” *Negociaciones y disputas políticas alrededor de las clasificaciones étnicas en Argentina*. Tesis de Maestría. Universidad Federal Del Rio Grande del Sur. Instituto de Filosofía y Ciencias Humanas. Porto Alegre.

MAFFIA, Marta y LECHINI, Gladys (Org.) (2009) *Afroargentinos hoy: Invisibilización, identidad y Movilización social*. IRI-UNLP-CONICET.

MARTIN, Alicia (1996). “Blanquear Buenos Aires”. *Revista Relaciones* 144: 7-8, Montevideo.

_____. (2006) “Presencias ausentes. El legado africano a la cultura nacional”. En *Buenos Aires negra. Identidad y Cultura*. L. Maronese Comp., Comisión para la Preservación del Patrimonio Histórico- Cultural de Buenos Aires. Pp. 205-216

PINEAU, Marisa (2009) “La importancia de una política cultural y educativa para el reconocimiento de la identidad afroargentina como sujeto histórico. Algunas consideraciones desde la experiencia universitaria.” En: Maffia, M. y Lechini, G. (Org). *Afroargentinos hoy: Invisibilización, identidad y Movilización social*. IRI-UNLP-CONICET

_____. (Ed.) (2011) *La ruta del esclavo en el Rio de la Plata. Aportes para el diálogo intercultural*. Unesco- Eduntref, Buenos Aires.

*Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017*